

TRIBUNA Livre

20
FEVEREIRO
1960

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E REDACÇÃO: LARGO DO DR. OLIVEIRA SALAZAR-TEL. 6213 - AMARES

Segredo ou Mensagem

(Por António Maria Zorro)

Pode contar-se em meia dúzia de linhas um dos factos mais notáveis da vida católica contemporânea. De Maio a Outubro de 1917, num sítio ermo chamado Fátima, três crianças da serra d'Aire, três pastorinhos, tiveram todos os dias 13 a visão da Virgem Maria. Foi-lhes dito que mentiam—foi-lhes dito pela família, pelas autoridades, por quase toda a gente; mas quase toda a gente que descreia das aparições de Fátima, que as supunha infantil embuste, se reuniu em Fátima quando da última aparição e ali testemunhou sinais prodigiosos. Não se trata de uma lenda originada há séculos. Trata-se de um facto passado há quarenta e três anos e relatado nas colunas de um insuspeito jornal («O Século») por um insuspeitíssimo jornalista. A partir de então, enquanto a fama das aparições de Fátima ganhava rapidamente todo o País, criando dia a dia multidões de devotos e impressionando os espíritos mais cepticos, quem se mostrou reservada e prudente foi, através da sua Hierarquia, a Igreja Católica. E só depois da Igreja ter ouvido demorada e maternalmente a pequena Lúcia e os outros pequenos videntes, só depois de serem incontáveis as curas miraculosas ocorridas em Fátima, só depois de ser um rio caudaloso de fé o caminho dos peregrinos para o Santuário de Fátima, é que a Igreja autorizou o culto da Virgem do Rosário sob a invocação de Nossa Senhora de Fátima. Quan-

do a primeira branca e suave imagem da Aparição de Fátima foi erguida no altar de um templo, já de há muito se encontrava entronizada no coração de todos os católicos portugueses, até dos não praticantes, até dos não católicos.

Quer dizer: no caso de Fátima, como em todos os casos semelhantes, a Igreja quis provas; a melhor prova teve-a, mais do que nas curas de carácter miraculoso ou do que no extraordinário surto de devoção marial, na profunda transformação operada na vida do País escolhido para receber a mensagem que o Céu mandara à terra nesse ano catastrófico de 1917, em que tudo—mas tudo—parecia irremediavelmente perdido.

Quarenta anos volvidos, o culto de Fátima tornou-se um

(Continua na 5.ª página)

Empréstimo de 200 contos ao Grémio da Lavoura de Amares

Segundo notícia à imprensa a junta de Colonização Interna concedeu o empréstimo de 200 contos ao Grémio da Lavoura de Amares para construção da sua sede e celeiro.

Desta maneira fica o Grémio habilitado a proceder à construção da sede para a qual já tem projecto, salvo erro, aprovado.

O terreno encontra-se adquirido, em bom sítio e por preço magnífico, pronto a receber o edifício que constitui a maior aspiração daquela instituição.

Agora que não faltam possibilidades materiais e estão preenchidas as formalidades burocráticas é justo esperar a breve realização da obra para que depois o mesmo organismo possa alargar os seus serviços à lavoura de maneira a servir mais e melhor os que dele carecem.

O empréstimo a que vimos a fazer referência vence o juro de dois por cento e a amortização é a longo prazo o que representa uma vantajosa operação.

Recordar os Grandes Nomes da História Pátria é Obra de Educação e de Cultura; é Serviço Prestado à Juventude

«A figura e a obra dos grandes escritores, artistas ou homens de ciência, estadistas, heróis ou filantropos devem ser acarinhadas e lembradas sempre que uma ocasião se proporcione para tal» — afirma o «Diário de Notícias», a propósito das comemorações henriquinas. E prossegue:

«Há quem não concorde com estas homenagens póstumas, alegando que a vida é actualidade permanente e não visão retrospectiva do que se foi para sempre. Mas a verdade é que os mortos impulsionam os vivos e existe uma cadeia ininterrupta de factos e de ideais que prendem os

homens de hoje aos de ontem e que faz com que tudo o que se passa no presente tenha raízes profundas no passado e lance pontes para o futuro.»

E o «Diário de Notícias» conclui:

«Por isso, tudo quanto seja dar a conhecer a fisionomia e o labor de quantos nos antecederam e brilharam nos vários sectores das actividades intelectuais é um serviço que se presta à gente nova, que ascende na vida e assim fica mais bem preparada para resolver as questões contemporâneas.»

Os Inconvenientes da Emigração

«Cuidado! O caso pode ser sério, profundamente sério» — afirma o «Jornal de Viseu», órgão da União Nacional, referindo-se aos inconvenientes da emigração habitual dos trabalhadores rurais do concelho de Penedono para a França.

«Penedono vem mandando para a França perto de duzentos trabalhadores, a cumprir contractos de trabalho que vão até ao máximo de sete meses de duração. Partem em Abril e regressam em Novembro, trazendo alguns bons milhares de escudos ganhos na faina, quase sempre da beterraba.

«Mas na aldeia não se fez a cultura da terra, ou fez-se mal! A erva aberta o seu cerco, afogando a terra que ainda produzia alguma coisa.

«Depois o emigrante chega com ideias estranhas, altamente comparativas. Fala na taberna e os outros bebem-lhe as palavras.

«Na França há comunas

Reunião da Câmara Municipal

Sob a presidência do senhor Adão Arantes Russel, vice-presidente do Município, reuniu a Câmara deste concelho, na passada quinta-feira.

Foram tratados assuntos diversos e do maior interesse e autorizados diferentes pagamentos e concedidas licenças para obras.

vermelhas e o emigrante, às vezes, tingê as mãos nessa cor.

«Cuidado! O caso pode ser sério, profundamente sério.

Dêem-se ao trabalhador condições de trabalho locais. Abram-se estradas, caminhos, rasquem-se as serras. Penda-se o homem ao lar, dando-lhe condições de vida. E fique-se certo de que ele não partirá. A terra será menos pobre e Portugal ganhará.»

Reunião do Conselho Municipal

Na passada segunda-feira, pelas quinze horas, reuniu o conselho municipal a-fim de discutir o relatório e contas da gerência do ano de 1959.

Presidiu o sr. D. Nuno Pombal, presidente da Câmara ladeado pelos srs. José António Pires e António Bernardino Barbosa de Macedo, só se registando uma ausência.

Prestaram juramento os conselheiros Dr. António José da Costa, Padre Avelino dos Santos Antunes e António Alves da Mota, sendo justificada a falta do sr. dr. José António de Sousa Fernandes.

Lido o relatório e contas foi o mesmo aprovado após alguns esclarecimentos, especialmente referentes à electrificação do concelho.

Trechos escolhidos

«Do Livro 23 anos na URSS, da autoria do Jesuíta Arménio Pedro Alagiagian»

Torturas na Lubianca

As torturas de Lubianca podem dividir-se em três categorias: torturas acompanhadas de dores físicas, torturas provenientes duma posição insuportável e torturas mistas.

Na primeira categoria, podem classificar-se principalmente as flagelações ou açoites, as celas geladas com corrente fortíssimas de ar frio e as suspensões.

As flagelações são feitas com vergas de ferro nas nádegas, nas costas ou nas plantas dos pés voltadas para o ar, com a vítima deitada de costas. Estas torturas—segundo me referiram dois oficiais alemães que as tinham sofrido—são sobremaneira dolorosas. Se os açoites são muito fortes, podem ser mortais. Se são moderados e persistentemente repetidos, quase sempre obtêm o efeito desejado pelos atormentadores. Um destes oficiais contava-me que após duas semanas de tais torturas,

não podendo já resistir mais, embora não tivesse nunca tomado parte em qualquer organização de espionagem, confessara ser espiã e contara toda uma série de actos de espionagem como se os tivesse praticado. Num dado momento, o juiz instrutor grita-lhe: «Mas isso é impossivel... Isso não é verdade!». E o oficial, perdendo a paciência, respondeu: «Mas se nada disto é verdade! Vocês é que me obrigaram a inventá-lo». Submeteram-no de novo a terríveis e atrozes torturas e ele, rendido, propôs-lhes: «Mas então escrevei o que quiserdes e eu assino tudo». E assim se fez. No fim da sua narrativa o pobre homem concluiu: «Eu estava muito mais contente ao ouvir a minha condenação a 8 anos de pena, do que poderia estar qualquer europeu, acusado injustamente de homicídio, ao ouvir a sua sentença de absolvição».

(Continua na 4.ª página)

Está à porta a segunda incorporação de recrutas — todos os recenseados e apurados em 1959 devem consultar os editais

A segunda incorporação dos mancebos apurados para prestar o serviço militar este ano deve realizar-se nos dias 6, 7 e 8 de Março.

Assim, os recenseados em 1959 e apurados para todo o serviço militar devem verificar se os seus nomes constam dos editais convocatórios afixados nos locais habituais.

TRIBUNA AGRÍCOLA

A ADUBAÇÃO DOS CEREIS DE PRAGANA

Para que a cultura cerealífera seja remuneradora e ocupe a posição que, pela sua importância, deve ter na lavoura portuguesa, é indispensável que lhe sejam facultados os necessários cuidados culturais e ao mesmo tempo se lhe proporcione os meios de nutrição mais convenientes.

Assim, há de escolher-se a melhor variedade cultural, utilizar-se semente seleccionada, preparar-se a terra cuidadosamente, semear na época própria e, sobretudo não esquecer que a adubação é um dos factores mais importantes da produtividade e que, sem adubos, as colheitas nunca poderão ser lucrativas mesmo que se tenham observado todos os outros cuidados referidos.

O emprego racional de adubos é a forma mais prática e económica de enriquecer o solo depauperado e de aumentar assim a sua capacidade produtiva.

Anos e anos de culturas sucessivas deixaram a terra empobrecida de elementos nutritivos e, como é natural, precisamente daqueles que em maior percentagem são assimilados pelos cereais e cuja falta portanto mais se faz sentir: o azoto, o fósforo e o potássio.

O Azoto

O azoto é o principal elemento da vida, o elemento que fornece às plantas a energia necessária ao crescimento, à floração e à frutificação. Estimula a vegetação e condiciona o rendimento tanto em quantidade como em qualidade.

Como é um elemento constituinte das albuminas, o valor panificável dos trigos depende da aplicação criteriosa e oportuna da adubação azotada. A acção do azoto é também notável pela influência que exerce na absorção dos outros elementos nutritivos.

O Fósforo

O fósforo é igualmente essencial à libertação de energia na respiração das plantas, e faz parte das substâncias albuminóides indispensáveis à formação dos tecidos. Regulariza a floração e a fecundação e melhora duma maneira sensível a frutificação, tanto em qualidade como em quantidade.

Na primeira fase do ciclo vegetativo das plantas, o fósforo aumenta o crescimento das raízes e apressa a formação e o desenvolvimento das folhas; mais tarde, favo-

rece o afilamento e acelera a formação das espigas.

A Potassa

A potassa é o elemento da qualidade e também do rendimento. Favorece a elaboração dos hidratos de carbono, aumenta o teor de amido nos grãos e concorre para a formação de açúcares nos frutos e nas raízes.

Contribui igualmente para a produção de celulose, assim como para os tecidos de suporte. Graças à potassa as plantas resistem melhor à acama e aos ataques criptogâmicos.

Uma adubação equilibrada de forma a fornecer os três elementos mencionados, segundo as exigências das culturas, torna as plantas mais fortes e vigorosas, de raízes bem desenvolvidas, portanto mais resistentes às adversidades climáticas, e em condições de poderem atingir altas produções.

Naturalmente nem todos os cereais têm as mesmas necessidades nutritivas. Uns, como o trigo, são mais exigentes do que outros e como, além disso, o seu valor económico é também diferente, as quantidades de adubos e além disso, o seu valor económico é também diferente, as

Continua na 5.ª página

Plantas que Curam

CEBOLA — É estomacal e facilita a expectoração. Cozida, constitui um óptimo resolutivo.

A cebola poderá ser empregada para curar todas as enfermidades das vias urinárias. O doente de hidropisia pode ser curado por meio da cebola; por isso tomará três sopas de leite ao dia, e o restante alimento constituído apenas por cebola. Crua, ainda é melhor. Decorridos 8 dias deste tratamento, o doente experimentará sensíveis melhoras; decorridos 15, fluxo abundante de urinas, e ao fim de 30, a cura completa, na maioria dos casos, sempre que o tratamento haja sido cumprido, e antes de chegar ao 3.º grau.

O vinho de cebola é um excelente vermífugo, que se obtém deixando macerar as cebolas dentro de um litro de vinho branco, durante 6 dias. Tomem-se 120 gramas cada manhã, em jejum, durante uma semana.

Para acalmar a tosse e evitar a expectoração, basta cozer uma cebola sob as cinzas, depois de a ter envolvido numa folha de couve, picada ou moída, e misturada dentro de uma chávena em decocção de extracto de alcaçuz. Esta decocção deverá tomar-se quente, pela manhã e à noite.

Exteriormente, deverá aplicar-se cozida, em forma de cataplasma, sobre tumores inf-

Continua na 5.ª página

Agenda do Lavrador

Nos campos

Continua a cava, lavra e estrumação para as sementeiras da Primavera. Nas terras quentes começa a sementeira dos milhos de sequeiro e ervanço, e começa também a plantação da batata. Nos trigos nascidos, se vierem fracos, aspalhar 300 quilos de nitrato de sódio por hectare. Nas sementeiras de leguminosas espalhar em cada hectare 600 quilos de superfosfato a 12%, 1200 quilos de gesso e 200 quilos de sulfato ou cloreto de potássio. À falta disto, pelo menos terriço e cinzas. Semear favas em terrenos frios, cevadas, aveias, lentilhas e painços. Aproveitar o chorume e as águas dos lameiros para estimular a curtimento dos estrumes. Cuidar dos utensílios agrícolas, limpando-ose oleando-os.

Nos pomares

Prosseguir na estrumação, limpeza do arvoredo e plantação de árvores novas. Nos alfobres destinados às árvores de fruto plantar estacas e semear pevides de plantas boas para «cavalos», e caroços de amendoeira amarga, que é um bom «cavalo» para pessegueiros. Iniciar-se nos pomares as enxertias de fenda cheia, de meia fenda e laterais. Continua a poda das árvores indicadas no mês anterior, e começa a dos marmeleiros, pereiras e macieiras. Fazer viveiros de estacas de figueiras, oliveiras, laranjeiras, limoeiros e macieiras.

Nas vinhas

Continua a poda (que deve acabar neste mês) e algumas regiões a cava e adubação da terra, o descasque das cepas e a plantação de bacelos barbados em substituição de videiras mortas. Fazer mergulhais onde for mais conveniente. Combater a cochonilha e outras moléstias com calda férrica acidu-

lada, evitando atingir os olhos das varas. Em lugares abrigados e quentes, enxertar.

Nas hortas

Prosseguir nas cavas e estrumações indicadas em Janeiro. Estes preparativos devem fazer-se antes de findar o mês para dar tempo e lugar às plantações. Logo nos primeiros dias do mês convém preparar os tabuleiros que hão-de receber alfices romanos, cenouras etc. Nos últimos dias abrem-se e estrumam-se os regos para melões, pepinos e culturas semelhantes. Podem neste mês semear-se abóboras, acelgas, agriões, alcachofras, alfices, beterrabas, cebolas, cenouras, couves várias, ervilhas, espargos, espinafres (excepto o de Inverno), favas, feijões, malagueta, melancias, nabos seródios, plmentos, rabanetes, repolhos, ruibarbo, salsa e tomates.

Nos jardins

Nos canteiros preparados neste mês anterior, podem-se ir seto menado, além de ciclames, ervilhas-de-cheiro, gipsófilas e pánciências, indicadas em Janeiro, também espargos, malmequeres de sécia, malvaíscos e séciames. E além das plantações de Janeiro podem-se fazer de angélicas, dalias, e nardos.

Nas adegas

Com dias secos, claros, de vento norte, fazem-se as trasas fegas, chamadas de Primavera, dos vinhos, já postos em limpo em Novembro ou Dezembro, havendo o cuidado de sulfurar as vasilhas. Ao engarrafar os vinhos, ter-se-á especial atenção que as garrafas devem estar bem limpas e escuras e passadas por aguardente de vinho a 45 graus.

Na capoeira

É necessário dar às galinhas resto de carne ou insectos, dos quais são muito ávidas.

Lavadeira Inteligente

Nunca se falou tanto em lavar a roupa, como se fala agora. Há 50 anos, tudo quanto havia a fazer, para ter a roupa lavada, era o rolo da lavadeira. Esta, embrulhava a roupa suja num pano branco, punha o embrulho à cabeça, ia direitinha a Caneças, batia a roupa no rio, punha-a a corar ao sol e quando ela estava sequinha e cheirosa das ervas do campo e do sol, voltava a embrulhá-la, a pô-la à cabeça e a trazê-la a casa do freguês. E não se pensava mais nisso.

Lavar a roupa é hoje uma operação delicada de alta engenharia. Nem toda a roupa se pode bater no rio. Há que pensar na temperatura

de água para lavar às lãs que é diferente dos «nylons» ou dos «terylens».

As máquinas de lavar, são como os números da roleta, não têm memória nem consciência, portanto, não podem escolher as diferentes maneiras de lavar os diferentes tecidos.

Não podem, isto é, não podiam, porque agora já podem.

A «English Electric» tem agora uma máquina de lavar que pensa pelo dono. Com efeito, basta meter lá para dentro a roupa e o pó de sabão e ela se encarrega de tudo, até mesmo de aquecer a água. E ainda tem outra vantagem sobre a lavadeira — não é preciso fazer o rol,

PRIMEIRO AMOR

Foram belos olhos negros,
Uns cabelos alourados
E não sei que maldição!
Adormeceu sonhos ledos
E despertou os pecados
No meu pobre coração.

Mulher? — Não sei bem se era!
Talvez sombra de beleza
Com lábios cor de cereja
Que enterrou a quimera
Nesta viril singeleza
Que a fresca brisa beija.

Era densa ou feiticeira,
Era bendita ou maldita,
Ao certo nem eu sei bem!
Ao passar à minha beira,
Vi-me logo, com desdita,
Ser fitado com desdém.

Os meus passos vascularam,
Meu coração pareceu parar,
E eu todo estremei.
Os meus olhos se toldaram
E aprendi a chorar
Quando aquela mulher vi.

Desconhecia o amor;
Mas nesse maldito dia
Que ele entrou no coração
Soube o seu mordaz sabor:
E a minha alma enchia
De desgraçada ilusão...

Cícero Dias

TRIBUNA do CONCELHO

CARTA DE LAGO

Meu caro amigo António

Falei-te já, amigo António, das necessidades da terra onde nasceste. Agora pergunto-me se tem havido progresso... Vou por isso dizer-te o estado das nossas coisas.

Caminhos

A estrada do Bico para Amares é ótima e o actual cantoneiro, senhor João Soares, cá de Lago, desfaz-se em cuidados para a ter sempre bem limpa e conservada.

O caminho desde o Paço à Igreja está encalçatada e precisa de algumas reparações. O calcetamento deste caminho deve-se à iniciativa e cuidados do falecido Senhor José António Ribeiro, da casa do Fonte. Ainda se vêem calcetados alguns metros do caminho que desce do Paço para Caldo, do caminho de Vila Nova e também, no de Ponte. Confesso que não sei quem mandou fazer estes pequenos encalçatamentos e não perguntei a ninguém. Posso contudo afirmar que são anteriores ao falecimento do referido José António Ribeiro. Este homem tão criticado e temido enquanto vivo continuou a ser criticado, mas não, temido, depois de morto... Eu mesmo fui vítima dos seus furores. Contudo posso dizer-te que ele, nos últimos

anos compreendeu que os inimigos dele eram, afinal, os maldizentes que o visitavam para lhe beberem o vinho! E denorreu meu amigo. Julgo porém que os tais pequenos encalçatamentos, são também obra do referido senhor Ribeiro bem como a vinda da corrente eléctrica para Lago e a sua instalação na residência paroquial. Nem só defeitos, como vês!...

Os caminhos de Vila Nova, Ponte e Santa Marta, têm sofrido um ou outro reparo, mas ligeiro e transitório. Quem os percorrer em certas épocas do ano não deixa de roer a pele aos responsáveis...

Os caminhos da Ribeira, Fonte Covas e Lagoa posso dizer-te que são miseráveis. Tem havido reparações. A mais importante foi a realizada pelo Senhor Dr. Carlos Teixeira de Sousa que mandou consertar todo o caminho desde a Igreja até a sua casa de campo, a chamada «Quinta de Santo António» em Fonte Covas. Mas, o resto da caminho, para Rendufe, continua como dantes. As outras reparações têm servido só para dar nas vistas porque tudo fica, dias depois, no estado primitivo. Se tu os tivesses de passar nestes dias de inverno, como acontece aos pobres mortais que por aqui vivem e os tem de passar, — eu sou dos contados — atavas as mãos na cabeça e dirias — Cristo não andou aqui! — E os caminhos que ligam a Ribeira à Estrada Nacional? Tiraram o prémio no aspecto de abandonados! Água do Ribeiro, lama... só de barco ou galochas até ao joelho! Há tempos falou-se duma estrada...

Queria referir-me às nossas fontes; mas para hoje basta!

Dispõe do sempre teu: J. Moreira.

Lago, 16 de Fevereiro de 1960.

CONCURSO

Quem tudo quer
Tudo perde

Foi contemplado pela sorte, na passada Sexta-Feira, dia 12, com um magnífico rádio Sierz no valor de 3.000\$00, o nosso amigo e assinante, senhor Domingos José Dias, desta Vila. Esperamos, pois, ouvir o lindo rádio, mas para que ele deia boa música, precisa de ser molhado.

Ao nosso amigo, snr. Domingos José Dias, os nossos parabéns.

Aniversário Natalício



No próximo dia 23 passa o aniversário natalício do Snr. António Gomes da Silva Briote, digno Comandante do Posto da Guarda Nacional Republicana, data que nos apraz registar sem qualquer sombra de lisonja.

O Snr. Briote, pelo apuro como tem sabido manter a ordem, devido ao seu espírito disciplinador e zelo profissional, merece neste meio a maior consideração.

«Tribuna Livre» apresenta-lhe muitos parabéns e deseja-lhe a con-

tinuação de boa saúde e êxito profissional

CAIRES

Mapa do movimento religioso

Durante o ano findo de 1959, observando bem os documentos e os dados estatísticos da população da freguesia de Caires, apuraram-se os seguintes resultados:

Fogos Civis 265; fogos eclesiásticos 293; meninos 249; meninas 228; homens 512; mulheres 503; ausentes 36; católicos que se não desobrigaram 15; acatólicos protestantes 4; baptismos; 43 Casamentos 7; óbitos 24; comunhões por devoção 13.021; primeira comunhão de crianças 36; crianças que fizeram a comunhão solene na Visita Pastoral 32; comunhão geral de todas as crianças 426; catequistas 6; meninos matriculados na aula da catequese no salão paroquial 138; meninas 164; confi mações ou crismas no dia da Visita Pastoral no dia 26 de Julho passado, 206 pessoas; uma semana de pregações; um tríduo solene eucarístico; 8 novenas; 9 sermões avulsos; 6 feitas; lições de catequese às crianças 196; lições de catequese aos adultos 236; total da população católica 1.495 pessoas.

Porque estes dados despertam curiosidade e mesmo até interesse aos nossos conterrâneos e amigos que vivem longe, mas que vivem unidos connosco pela crença, fé, destino e progresso material e espiritual da nossa terra, eis que os publicamos, enviando a todos os Cairenses de perto e de longe, as nossas efusivas saudações.

De Visita

De visita à sua querida e estremecida mãe, a senhora D. Teresa da Conceição Gomes de Almeida, proprietária do lugar do Monte de Baixo, desta freguesia, encontra-se entre nós os seus estremosos filhos José Maria Vieira, com sua Ex. ma Esposa e filhinha Maria Ermelinda, o Senhor Ernesto Veira, que nos ofereceu uma valiosa esmola para as nossas obras, e o Senhor Adelino Vieira, que veio no seu lindo carro «Fiat 600 - Multiplo e que mandou celebrar algumas missas pela alma de seu saudoso pai José António Vieira.

Felizes filhos que se lembram sempre de seus estremecidos pais.

Oxalá que estes exemplos sejam imitados por todos. Parabéns.

Para Luanda

Já embarcou para Luanda o nosso grande amigo e illustre filho desta terra, o Senhor

Continua na 4.ª página

BARREIROS

Tive conhecimento de que o assinante deste jornal Senhor José Ferreira, natural de Barreiros e ausente em Lisboa, dirigiu-se à direcção do jornal queixando-se de o seu Director ser de Barreiros e raramente se verem notícias desta freguesia.

Ao mesmo tempo felicita o pessoal de redacção e colaboradores, especialmente «Uerba» e o Sr. Domingos M. da Silva autor da Monografia deste concelho.

Por este facto, e dando inteira razão ao digno Barreirense, passo a dar algumas notícias da terra.

Junta de Freguesia—Esta Junta que era constituída pelos snrs. António José da Costa, Alfredo Soares de Sousa e Domingos Correia Portela, depois de vinte e tal anos ao serviço em pról do bem comum, resolveu este ano entregar o seu mandato a outra Junta formada por homens novos para virem a ser os continuadores desta obra que se vem realizando à anos. A Junta nova assim o entende, e em breve o povo desta freguesia poderá contar com a iluminação pública nos cruzamentos e centros principais, e também um lavadouro a construir em sítio designado.

Vida elegante

Salvé 23-2-1960

Passa na próxima terça-feira dia 23, o aniversário natalício do nosso particular amigo, senhor João Baptista Pereira Janela, digníssimo empregado de escritório das oficinas gráficas de A Modelar.

Por tão faustosa data os seus amigos, empregados da mesma firma, desejam-lhe as maiores venturas e que essa data se prolongue por longos anos.

«A Modelar»

Executa toda a qualidade de trabalhos tipográficos, desde os mais simples aos mais luxuosos.

Para estes melhoramentos já se oficiou á nossa Ex. ma Câmara, tendo a certeza que seremos atendidos; e, em breves

Continua na 4.ª página)

Lúcio Dias

Foi com grande satisfação que vimos voltar a conduzir os carros da Viação Auto-Motora, o amigo e veterano Lúcio Dias, forçado a uma aposentação precoce que não se justificava.

Figura tão familiar nas nossas carreiras e a quem já desde criança nos habituamos a ver ao volante sempre com uma saudação amiga e respeitadora para todos.

Estamos pois de parabéns e está de parabéns a família e ele próprio porque sabemos da sua alegria. Isto de conduzir á dezenas de anos os fregueses e amigos já é vida da própria vida.

Tribuna Livre associa-se e dá os parabéns.

HUMORISMO

Pode Voltar

Sabes? Minha mulher fugiu!

— Que me dizes! E porque estás a fazer as malas?

Pretendes segui-la?

— Julgas que sou louco? Vou mudar-me, não vá ela arrepender-se e voltar...

No Tribunal

O Juiz para a testemunha: — Então, o senhor viu como se deu o atropelamento?

— Vi, sim, snr. Dr. Juiz.

O morto é que se atirou para a frente do carro.

Comia como um cavalo

A família e as visitas estão à mesa quando a dona da Casa se dirige à filha:

— Alice, porque não puzeste talheres para o senhor Costa?

— Ele não precisa de talher, mamã. Então, não me disseste que ele comia como um cavalo?!

PÊLOS

Destruição definitiva pelo processo mais moderno e rápido

RUA DE S. VICENTE 94 || BRAGA

Torturas na Lubianca

(Continuação da 1.ª página)

A tortura da cela gelada consiste nisto: A pobre vítima, semi-nua, e muitas vezes nua de todo, é encerrada num local frigidíssimo, cujas paredes e boa parte do pavimento estão cobertas de gelo. Das quatro ou seis janelas contrapostas sopra um vento tão frio que queima literalmente a pele. O oficial húngaro, que me afirmou ter sido por duas vezes sujeito a essa tortura, pareceu-se pouco digno de fé pela sua habitual impudência. Mas a existência e a prática frequente deste género de torturas, foram-me confirmadas por muitos outros presos, tanto estrangeiros como soviéticos.

A tortura da suspensão, que à primeira vista pode parecer menos atroz, causa ao organismo um espasmo ou contracção muscular horripilante pela sua continuidade, ao longo de toda a duração da pena, e pela dolorosíssima contracção dos músculos. O pobre desgraçado é atado pelos pulsos a um anel suspenso do tecto ou fixo numa das paredes da cela, e nessa posição é levantado até tocar apenas com a ponta dos dedos dos pés no pavimento.

Os três tonéis

As torturas da segunda categoria colocam o corpo do paciente numa posição tão insuportável que cada dia e não raro cada hora de semelhante tortura aumenta a gravidade do sofrimento quase em proporção geométrica. As principais destas torturas são os três tonéis a saber: tonel-banheira, tonel-gaiola e tonel-ouriço. Trata-se de tonéis de cimento enterrados no chão ao nível do pavimento. A pessoa totalmente nua é introduzida pela parte de cima. O tonel-banheira é bastante estreito, mas profundo. Enchem-no de água conforme a estatura do indivíduo, até ao tórax ou até ao pescoço. Ali fica noite e dia, ali recebe o miserável alimento e ali é obrigado a fazer todas as suas necessidades... dias e dias seguidos, às vezes até semanas. O tonel-gaiola é mais largo, mas baixo com pesada cobertura de cimento-armado, com estrias na parte de baixo para deixar passar o ar. A pobre vítima é encerrada ali: não pode estar de pé, — a tampa de cimento não lho permite, — não pode sentar-se no fundo porque este não é suficientemente largo para isso; tem de apoiar-se continuamente às paredes do tonel com os cotovelos, com os joelhos e com o assento. O tormento dura também por vários dias sem nunca sair dali...

O tonel-ouriço é largo e fundo. Pode-se estar comodamente direito de pé, mas não é possível nenhum movimento porque as paredes estão erigidas de agudas pontas de ferro. O desgraçado sujeito a

este tormento tem a real sensação de estar rodeado, a toda a volta, dos pungentísimos acúleos do ouriço-cabeiro. Se se tratasse de poucas horas ou mesmo dum dia só, poderia a dura pena aguentar-se, embora com extrema violência da natureza. Mas de noite, mas dois e três dias e noites seguidas!? Horror!

Deste suplício dos tonéis ouvi falar muito, mas só uma vez tive ocasião de entrevistar um preso que passara pelos tonéis-gaiolas. Era o dia 20 de Junho de 1944 (ficaram-me indelévelmente gravados todos os pormenores). Na minha passagem pelo campo 27/1 (a 20 quilómetros de Moscovo), enquanto o tenente italiano descrevia o suplício que suportara durante três dias no tonel-gaiola, só com observar as contracções de rosto que me parece estar ainda a ver com os olhos, correu-me a espinha um frémito de horror. E no entanto entre os três suplícios dos tonéis, o tonel-gaiola deve ser a tortura menos terrível. Quem poderá conceber o suplício das outras duas espécies?

As cadeias

Finalmente a terceira categoria compreende torturas que minando a vida lentamente, mas com inexorável continuidade causam ao homem sofrimentos físicos e psíquicos simultaneamente. Entre a multidão de semelhantes torturas escogitadas pelo espírito inventivo, sinistramente sagaz dos «Sledovateli» soviéticos (juizes instrutores), faremos menção aqui só da gota de água, do jorro de luz e da fome negra e má conselheira.

Fazem sentar o paciente numa espécie de cadeira de enfermaria, adereçada com dispositivos próprios para sujeitar bem mãos e pés e manter a cabeça bem direita e imóvel. O infeliz recebe na cabeça, uma a uma, interminável série de gotas de água que caem incessantemente, em ritmo sempre igual. Às primeiras gotas fica indiferente, mas com a continuação vai sentindo um mal-estar geral sempre crescente, e acaba o pobre por ir passando sucessivamente por todos os graus do sofrimento físico e psíquico, até chegarem as dores a ser atroz. Por outro lado, fica reduzido a estado de quase completa loucura, a não ser que a tempo se «decida» a confessar ou lhe seja interrompido o suplício, para recomençar passado algum tempo. E assim outra e outra vez.

Outras vezes o desgraçado, sempre naquela posição violenta imobilidade, em vez das terríveis gotas de água, que lhe atormentam o crânio e estonteiam a mente, — vê diante de si um potentíssimo foco de luz, que se lhe transforma em carrasco dos olhos. Bem pode fechá-los ou fazer sobre eles pressão com as pálpebras:

tudo inútil. Nada esconjura aquele inconcebível suplício que, com agonia de todo o seu ser, o levará à perda da vida, dos sentidos e até da vida. Mas, os verdugos estão alertas para conservar-lhe sempre viva a capacidade de sofrer. Não o deixam morrer para poderem arrancar-lhe da boca a almejada «confissão».

Agradação do rancho

Porém a arma mais frequentada dos desumanos «sledovateli» — é a fome, — suplício que embora externamente de aspecto menos horroroso que os outros, não é contudo de menor eficácia interna. A fome é o que há de mais apto e capaz e sugerir lisongeiros meios-medidas e de cegamente fazer abraçar à consciência compromissos perniciosos. O homem submetido a ela não sabe perseverar na luta travada. O que um homem não faria provavelmente perante os tormentos terríveis da flagelação, da suspensão, dos tonéis ou das cadeias, — mesmo talvez porque a própria violência impetuosa deles suscita no ser racional e livre um instinto inato de resistência, e o estimula a reagir enérgicamente, — perante o estímulo da fome, longa e enervante, esse mesmo homem é capaz de sucumbir. É que a fome extenua sem ruído e debilita progressivamente todas as reservas de forças e de possi-

(Continua no próximo número)

Plantas que Curam

(Continuação da 2.ª página)

lamatórios, contra os felimões, as feridas, as queimaduras e panarícios.

Para estes, deverá cozer-se uma cebola branca dentro de cinza, cortá-la em duas partes, e envolver nelas o dedo do enfermo.

Esta operação deverá ser renovada duas vezes ao dia. A cebola deverá aplicar-se bem quente.

Fazendo este tratamento durante dois ou três dias, evitar-se-ão complicações do panarício, que poderão ocasionar a amputação do dedo enfermo.

Celidônia (Celidônia Maior ou Erva Andorinha) — 10 por 1.000 desta planta em infusão, tem curado muitas enfermidades dos olhos, desde que a lavagem destes com a dita infusão, seja bem quente. As suas folhas fervidas com água poderão substituir a mostarda para o banho de pés. Deitando 5 gramas de folhas por um litro de água em decocção, a celidônia é digestiva. Poderá também usar-se contra as enfermidades da pele, herpes muito enraizadas e engorgitamento de fígado e do baço. Bebam-se 2 chávenas ao dia durante 8 dias seguidos, descanse-se outros 8, e repita-se o tratamento.

Tribuna do Concelho

BARREIROS

Continuação da 3.ª página

tempos mais melhoramentos se devem fazer.

Visitas—Este ano fomos visitados por muitos nossos amigos conterrâneos, vindos do estrangeiras e até do continente, que foram labutar formando um pecúlio, para mais tarde voltarem à sua terra natal cheios de alegria e felicidade, abraçando todos os seus, e por fim morrerem à beira da pia onde foram baptizados.

Tem-se realizado vários casamentos nesta freguesia, mas muitos mais estão por realizar; como já foi publicado num dos números deste semanário, está para breve o consórcio matrimonial da menina Maria de Fátima Barros Costa, com o senhor Avelino José Pereira Rodrigues, ambos distintos professores, dotados dos mais altos sentimentos morais e culturais, prometendo ser um lar feliz e que todos desejamos ver.

Este ano, o Carnaval nesta freguesia vai ter o seu maior brilho, com números apreciáveis. Um grupo de rapazes e raparigas darão uma récita própria do dia, que será de grande êxito.

Teremos corrida de bicicletas em negativo, bem como outras provas para as quais haverá valiosos prémios, subida ao poste, corrida de cântaros e o tradicional bazar, onde não faltarão os apetitosos frangos que todos gostamos de apreciar.

Chamo também a atenção para a campanha que se vem fazendo através deste jornal, para a angariação de sócios protectores da nossa Banda de Música; é ela que vai levar ao longe o nome do nosso concelho. Portanto todos os amigos bairristas não podem,

CAIRES

(Continuação da 3.ª página)

Domingos Antunes de Almeida que foi na companhia de sua dedicada esposa D. Maria Natália das Neves Almeida e de seus simpáticos filhinhos, lindo casal, Manuel José e Maria de Fátima, deixou-nos vivas saudades. Fizemos com eles várias festas de família imprimindo nelas sempre um vivo espírito cristão. Tem sido sempre grandes benfeitores do pároco, da Igreja, das obras sociais católicas, não merecem despresos nem afrontes. Que Deus os acompanhe e em breve voltem à sua terra, sua tão linda vivenda, sorridente palacete que deixara fechado e cujo silêncio não comove. Até breve bom amigo.

Entre Nós

Encontra-se entre nós e no seio de sua estremecida família de Dornelas, o Senhor Martins, grande negociante da cidade de Luanda e proprietário da firma «Martins e Almeida». Sua Ex.ª c.ª dignou-se vir até nós oferecendo-nos sempre o seu limo do Automóvel. Gratos pela sua gentileza de grande e velho amigo. Felicidades.

Concurso

Vai dentro em breve, tomar parte num outro lucrativo concurso o nosso notável marinheiro, João Baptista Vieira, actualmente a residir em Luanda em serviço na nossa Marinhade de Guerra. Que fique bem classificado do são os nossos votos sempre.

deixar de se associar a tamanha iniciativa.

António Sousa

“AO RIO CÁVADO”

Meu confidente e amigo
Segredos meus tens guardados,
Nas sombras da tua margem
Passei bons e maus bocados.

Quando eu sonhava acordado
Sonhos que a juventude tem,
Só ouvindo o teu mermúrio
É que me sentia bem!

Uma cana e um anzól
Era a minha companhia;
Junto a ti tardes inteiras
Mas peixes nunca trazia!

Aéreo e distraído
Pensando noutros carinhos,
Com migalhinhas de pão
Acarinhava os peixinhos.

E quando o sol fugia
Dando lugar ao luar,
Sem pesca, mas satisfeito
Eis-me alegre regressar

Hoje longe e com saudades
Nem mesmo ao longe te vejo,
P'ra recordar teu mermúrio
Tenho perto o Rio Tejo.

Tancos 15-2-960: José Silveira

TRIBUNA DE TERRAS DE BOURO

MONOGRAFIA DE TERRAS DE BOURO

(Por DOMINGOS M. DA SILVA)

N.º 68

(CONTINUAÇÃO)

promoveu a enchente e a adesão. Já não se precipita inútilmente sobre si mesma, mas sobre a máquina que o homem concebeu; gera a força e daí se conduz disciplinadamente a distâncias, a desdobrar-se por toda a parte em múltiplos fenómenos de energia, luz e calor.

Imagens de uma e outra época e sociedades.

Foi o que verdadeiramente se chama fazer meter a viola no saco, arrumá-la para um canto esquecida das velhas toadas e harmonias.

E as bandas e filarmónicas, tão queridas e populares no meio aldeão, onde tinham seus adeptos, executores e artistas, estas sofreram golpe ruinoso que lhes torna precária a existência. Em má hora, pois, chegou aos mais recatados vales do Minho a voz artificiosa e desconcertante de músicas exóticas, a esterilizar o fecundo manancial da eterna canção popular de saudosa memória. Justo é que se condicione o emprego dessas máquinas de som a mais rigorosos termos para não se verificarem sinais de maiores estragos, mesmo de sentido moral, que também este por vezes sofre afectação.

E, posto este caso, que para aqui se reservou para não tirar a cor à romaria, tem agora a sua vez a freguesia de **Rio Caldo**.

Tomou o nome do rio *quente* por ser a sua água, dizem, menos fria que a do rio Freitas. Com efeito, aquele recebe as nascentes das *Caldas*.

Pertenceu até 1853 ao extinto concelho de Santa Marta de Bouro, em que passou para o arcebispo de Amares, como Valdozende e Vilar da Veiga. Judicialmente está na comarca de Vieira, anomalias ocasionadas por andanças de sucessivas divisões políticas e administrativas, mas que não deviam perpetuar-se, antes ser objecto de uma mais atenta revisão e consideração a favor dos respectivos habitantes.

Em 1706 tinha 150 vizinhos; em 1875 ia nos 199 com 750 almas; actualmente 289 e 1.378 habitantes. É das maiores, senão a maior de T. de Bouro, e com possibilidades de rápido aumento. A vasta albufeira alterou consideravelmente a topografia da região. Cercam-na montes revestidos de espessa vegetação a espelhar-se nas águas do lago profundo. Não virá longe o tempo que as suas margens se povoem de *vivendas* tranquilas, de sanatórios e hotéis, quando os que sabem e podem aproveitar os maravilhosos privilégios da Natureza derem pela beleza e singular atracção deste precioso recanto de Portugal. Os desportos náuticos poderiam encontrar aqui um belo centro para exercício e recreação. Que feliz ideia não seria a de encaminhar-se para aqui a Mocidade, a reconhecer estes pontos de partida de seus remotos antepassados!

Tem quatro pontes sobre o rio de Freitas e duas modernas e magestosas sobre o Cávado, melhor, sobre a albufeira, a facilitar a comunicação entre as povoações vizinhas e as longínquas.

Compõe-se dos lugares da *Seara, Parada, Sã, Paredes, Leira-Chã, Mata-vacas, S. Pedro e S. Bento*.

O padroeiro é S. João Baptista. Foi abadia da apresentação da mitra e também consta ter sido comenda da Ordem de Cristo.

Em sítio pouco visível e com a frontaria voltada ao monte, o que é pena, a matriz é um bom edifício e possui magnífico recheio de talha da Renascença.

T. de Bouro não tem palácios nem conventos onde as riquezas da Arte se concentrassem; em compensação tem-nas dispersas pelas suas pequenas e grandes matrizes, plenas de concepção e primores de arte decorativa, eloquentíssima lição que o passado dá ao presente e ao futuro. O saber e a paciência dos mestres, isto foi coisa que desapareceu com as últimas gerações. Ampare-se o que existe!

Parece que foi restaurada aí por 1730, sendo abade José de Araújo Távora.

De baixo a cima do altar-mór é uma profusão de talha, em que só destoia o modernismo do sacrário.

O tecto em caixotões, tem em cada um pintados símbolos da Eucaristia.

Colaterais, o do Coração de Jesus e o de N. S. de Lurdes continuam-se à volta do arco-cruzeiro, guarnecendo no encontro uma pintura sobre madeira que representa a cena do Calvário, com Maria e João ao pé da cruz.

Ainda o de N. S. de Fátima, com seu magnífico rendilhado de talha a rematar na frente do pequeno sacrário;

(Continua no próximo número)

Adubação

Continuação da 2.ª pág.

adubos a empregar serão variáveis consoante a cultura de que se trata.

As fórmulas de adubação que aconselhamos destinam-se a solos de fertilidade média, normalmente constituídos. Em bons terrenos devem empregar-se as maiores doses indicadas; pelo contrário em terras fracas devem aplicar-se as menores.

Duma maneira geral todos os cereais tem necessidade de azoto, fósforo e potássio durante todo o ciclo vegetativo e, principalmente no período que vai do afilamento à floração. Por este motivo os elementos nutritivos fornecidos pelos adubos devem já encontrar-se na terra na *nasença* no *afilamento*, depois do *espigamento* e na *formação do grão*.

O emprego das fórmulas seguintes garante uma boa nutrição ao trigo, à aveia, à cevada e ao centeio nos períodos mais necessários:

CICLISMO

3.ª Grande Prova de Iniciação em Ciclismo

Foi solicitado pela Federação Portuguesa de Ciclismo que o grupo desportivo «Os Leões da Modelar», organizasse no dia 6 de Março próximo, uma prova no percurso de 50 k. para apuramento do campeão do concelho na modalidade, a que podem concorrer todos os atletas da idade de 17 a 21 anos, pelo que agradecemos a todos os rapazes interessados, para fazerem a sua inscrição na Modelar até ao dia 1 de Março impreterivelmente.

REGULAMENTO

A Federação Portuguesa de Ciclismo, organiza para propaganda da modalidade que dirige, uma prova popular através de todo o País, a qual poderão concorrer indivíduos que nunca tenham participado em Provas

Oficiais, que tenham completado 17 anos e não tenham mais de 21 anos.

Esta prova será disputada sob o seguinte regulamento:

No dia 6 de Março de 1960, realizar-se-á nas Sedes dos Concelhos do País, a primeira prova de apuramento num percurso de, aproximadamente, 50 km.ª.

Serão apurados em cada Concelho os 5 primeiros classificados que, em 20 de Março de 1960, disputarão na sede do Distrito respectivo, o direito a tomar parte na final.

As provas distritais terão a distância de 75 km.

A final será disputada em Lisboa, em 27 de Março de 1960, num percurso que não excede os 100 km., pelos 4 melhores classificados em cada distrito.

O vencedor de cada eliminatória concelhia receberá uma medalha de prata.

O vencedor de cada prova distrital receberá uma medalha de «vermeille», o 2.º classificado uma de prata e uma de cobre para cada um dos 3.ºs e 4.ºs classificados.

Na final serão atribuídas medalhas aos 10 primeiros classificados, sendo a do vencedor em ouro, a do 2.º em «vermeille» a do 3.º em prata e as restantes em cobre.

À 1.ª equipe classificada será atribuída uma Taça destinada ao seu Distrito.

Ao Concelho a que pertencer o vencedor individual será atribuída uma Taça.

Ao Clube que o vencedor individual represente será igualmente atribuída uma Taça.

Serão apenas de conta da F. P. C. as deslocações de ida e volta e alojamento em Lisboa, aos apurados nas provas distritais que tomem parte na final.

Os concorrentes terão de apresentar, devidamente preenchido e assinado por um médico, o certificado de aptidão física que consta da ficha de inscrição.

Os concorrentes que não tenham completado os 18 anos devem ser inspeccionados nos Centros de Medicina Desportiva; não os havendo na sua localidade, por um médico escolar ou na falta deste, pelo Sub-Delegado de Saúde. Estas qualidades deverão ficar exaradas no certificado de aptidão física que consta da ficha de inscrição.

A F. P. C. ou as Comissões, não são responsáveis por qualquer incidente ou prejuízo material que os concorrentes sofram.

A inscrição de cada corredor é de 10\$00, e fecha impreterivelmente, no dia 1 de Março de 1960.

SEGREDO OU MENSAGEM

(Continuação da 1.ª página)

culto universal. Já se perdeu a conta das grandes peregrinações internacionais que de longe vêm a Fátima, trazendo consigo representantes de toda a humanidade; ali têm rezado norte-americanos e russos, chineses e indianos, refugiados da guerra de Espanha e fugitivos da chacina de Budapeste, humildes freiras missionárias e cardeais—como aquele que era Patriarca de Veneza e é hoje o Santo Padre João XXIII.

Pois bem. Apesar disso, apesar da evolução dos acontecimentos ter comprovado a veracidade dos anúncios feitos pela Virgem aos videntes de Fátima; apesar de durante 19 anos o sólio pontifício de Roma ter sido ocupado pelo mais devoto dos devotos de Fátima—o Papa Pio XII; apesar do culto de Nossa Senhora de Fátima ser de uma evidência tão grande como a luz do Sol ou o calor do lume, ainda é lícito a um católico negar-se-lhe, não acreditando nas aparições de Fátima, sem que por isso morra em pecado. O mesmo direito de dúvida, afinal, que os católicos tiveram em relação à Imaculada Conceição ou à Assunção da Virgem Maria, até que as mesmas foram proclamadas dogma. É assim que a Igreja procede, mais exigente do que os cientistas em matéria probatória, mais respeitadora do que muitos espíritos chamados liberais em matéria de liberdade de consciência.

Não é crível nem lógico que um católico discuta Fátima depois de tudo o que Fátima tem apresentado e representa, no

mundo moderno, como expressão, e símbolo de cristianismo, como autêntica mensagem de Deus, transmitida aos homens pela Medianeira entre Deus e os homens. Não é crível, mas é lícito. E é possível.

Uma coisa, porém, é a dúvida—problema de consciência cristã—e outra a especulação, resultante da falta ou da debilidade dessa mesma consciência. São, por via de regra, casos típicos de especulação—ora imaginativa, ora interesseira—os boatos que em revoada se espalharam por diversas partes do mundo, quanto à publicação completa, neste ano de 1960, das revelações feitas pela Virgem à vidente Lúcia.

A única e frágil base do boato consiste em haver Lúcia pedido que nunca a publicação fosse feita antes de 1960. Daí a deduzir-se que haja algum interesse imediato ou remoto nessa publicação vai uma apreciável distância, como o deram a entender agora círculos autorizados do Vaticano, que responderam às indagações excitadas da opinião pública mal orientada com a simples, tranquila e quase sorridente informação:—o «segredo» da irmã Lúcia? Mas talvez nem seja nunca tornado público...

Como bem lembrava há dias a este respeito o órgão do episcopado português, «Fátima não é um segredo, é uma mensagem»—a mais clara, a mais conhecida, a mais ouvida de todas as mensagens. O que cada vez mais importa revelar é a mensagem—não é o segredo.

Tribuna Desportiva

Campeonato Regional da II Divisão

No passado Domingo dia 14, disputou-se a segunda jornada do Campeonato Regional de Braga, da II Divisão, cujos resultados foram os seguintes:

Campelos 4—F.C. Amares 2
Vila Verde 0—G.D. Prado 0
Fluvial 4—Fão 1

O Grupo Desportivo de Prado, com o empate conseguido fora, no Campo do Vila Verde, conseguiu assim conservar a posição de comandante da prova, que logo na primeira jornada tinha alcançado. O Fluvial de Viana do Castelo, ao vencer o Fão por quatro bolas a uma, confirmou assim, as boas referências que eram feitas a seu respeito.

O F. C. de Amares, embora tivesse sido derrotado fora de casa, e por uma equipe que na jornada anterior tinha sido derrotada por margem expressiva, não é lícito no entanto deixar de frisar, que a equipe foi o primeiro jogo oficial que disputou e que é toda ela constituída por elementos mais ou menos jovens, que se ressentiram portanto jogando fora do seu ambiente, e perante uma equipe, que em casa e depois da derrota sofrida na primeira jornada, queria com certeza retificar a opinião formulada pelos seus adeptos. No entanto, ainda foi o F. C. de Amares, a primeira equipe a marcar, e se não fosse o azar que durante todo o encontro lhe contrariou os seus ententos, o desfecho teria

sido diferente. É de salientar o bom trabalho do juiz desta partida, assim como dos seus auxiliares.

A Classificação ficou agora assim ordenada:

Classificação	P.
G. D. de Prado	5
Campelos	4
Fluvial de Viana	3
Vizela	3
Vila Verde	3
F. C. de Amares	1
Fão	1

No próximo domingo, dia 21, disputa-se a terceira jornada, que é constituída pelos seguintes encontros:

F. C. de Amares—Vila Verde
Prado—Vizela
Fão—Campelos

O grupo representativo desta terra, na jornada do próximo domingo, disputa o seu primeiro encontro no Campo de Jogos Luiz Calheiros de Abreu, contra o grupo representativo da Vila vizinha de Vila Verde, motivo pelo qual mais uma vez se lança apelo a todos os seus associados e adeptos, para que não deixem de com a sua presença, incitar o grupo local.

A Direcção do F.C. de Amares, informa os seus associados, que só terão entrada gratuita no Campo de Jo-

ros de mercearia, leite condensado, queijo, medicamentos, assistência materno-infantil, subsídios para funeral, etc.

Se é certo que para elas concorrem alguns, estas Instituições de Assistência necessitam da compreensão e auxílio de todos, sobretudo dos que podem e então a caridade terá o significado que Frederico Ozanam, seu fundador, pretendeu imprimir-lhes na sua altíssima missão.

Reconhece-se efectivamente, que esse triste espectáculo já não é recente, mas urge impedir que novos elementos se agrupem, furtando-se ao trabalho, já que com o desempenho deste dispendem energias e percebem materialmente muito menos.

Existem neste concelho, muitas instituições de Assistência, de entre as quais podemos destacar as Conferências de S. Vicente de Paulo, que anualmente distribuem dezenas de contos pelos seus pobres, consistindo esse auxílio em gé-

gos Luiz Calheiros de Abreu, os sócios que pagam o quantia de 5\$00 mensais e mediante a apresentação do respectivo cartão, e as cotas de Janeiro e Fevereiro, devidamente liquidadas.

Os sócios de 2\$50, terão entrada, mediante o pagamento, das cotas de Janeiro e Fevereiro, e de um bilhete de subsídio para o clube, de 2\$50. Este bilhete deverá ser adquirido na sede do Clube, no Domingo, da parte de manhã, assim como quem desejar pôr quotas em dia, e obtenção de cartões, o poderá fazer na mesma altura.

A Direcção,

Dentro deste espírito de caridade, vai ser iniciada dentro em pouco, neste concelho, a campanha de repressão à mendicidade, tendo para o efeito sido feitas duas reuniões no Gabinete do Senhor Vice-Presidente desta Câmara Municipal, com o Pároco e Presidente da Junta de freguesia local, onde foram estudados os meios a empregar, esperando-se contudo a compreensão da população, nessa Campanha.

Se é certo que para elas concorrem alguns, estas Instituições de Assistência necessitam da compreensão e auxílio de todos, sobretudo dos que podem e então a caridade terá o significado que Frederico Ozanam, seu fundador, pretendeu imprimir-lhes na sua altíssima missão.

DESPORTO

Vilaverdense F. C.—0

Grupo Desportivo de Prado—0

A contar para o Campeonato da Associação de Futebol de Braga e sob a arbitragem de Jorge Peixoto, efectuou-se no passado Domingo, dia 14, no Campo do Bom Retiro, desta Vila, o encontro de futebol entre o Vilaverdense F. C. e o Grupo Desportivo de Prado, tendo o primeiro apresentado a seguinte formação: —

Bernardo; Jaime e Faria; Cipriano, Lago e Neca; Zeca, Xico, Joca, Mota Lopes e Toninho.

O encontro disputado perante numerosa assistência

teve aspecto de verdadeiro campeonato e embora o marcador não funcionasse, merece destaque a acção da linha avançada do Desportivo de Prado que teve em Reis e Barreto, os seus melhores jogadores.

Os locais denunciaram muita falta de treinos, apresentando contudo uma defesa segura, a contrastar com o ataque que não realizou aquilo que noutros tempos era normal fazer.

Boa arbitragem. C.
JOTA

Canadá-Montreal

MONSIEUR, S. ENKIN INC. recomenda e pede a todos os portugueses que vivem em Montreal e que estão para vir para o Canadá, que devem procurar o bem conhecido MERCADO DO ST. LAURENT E DORCHESTER que bem pretende servir os seus clientes amigos portugueses com todas as variedades de frutas, tais como BANANAS, LARANJAS, LEGUMES DE TODAS AS ESPÉCIES E MERCADORIAS a preços convidativos. Procurem, pois, o mercado mais completo e o que melhor serve os EMIGRANTES. 1187 ST. LAWRENCE

Castro de Carrazedo

por Domingos M. da Silva

condição de não poder vendê-la, e findas as 3 vidas ficar devoluta a ele senhorio. Logo em 1560, a sobredita Joana de Azevedo emprazou metade da mesma quinta a António Pires, em 3 vidas, com a mesma clausula de não poder vendê-la, pela pensão de 30 alqueires de pão meado, 10 almudes de vinho cada um de 14 canadas, ou quatorzeado, 2 galinhas, meia marrã (porca) 1 carneiro, e 2 canadas de azeite no ano que o houvesse.

Em 1758, D. Jorge Francisco Machado arrendava, por tempo de um ano, os foros de Trás-os-Montes por 300\$ mil reis e cinco arrobas de presunfos.

Em 1775, a olgaleira da Vacaria, limite de Vilela do Tâmega, pela renda de 2 alq. de pão por ano.

Em 1790, D. Francisco António Machado comprou a Francisco Gomes e m. er Custódia Luísa, do Pinheiro (Sant-Iago de Lanhoso) uma propriedade na serra do Carvalho, por cima da Quinta do Foral. Custou 75\$ mil reis.

Em 1575, Branca Afonso, viúva, desistiu de metade da quinta de Gerás a favor de Francisco Machado que lhe pagou 6\$ mil reis. Juntou-a à outra metade que já possuía e houvera de António Lopes e sua mulher.

É quase impossível manter a ordem crónológica nesta revista de documentos. Como, porém, se tem por objectivo dar a ideia do movimento de propriedades e bens que estiveram mais ou menos tempo na posse da Casa de Castro e isto só poderá interessar isoladamente a história local e conforme a sua situação, vai seguindo a esmo este longo inventário.

Em 1535, o senhor D. Manuel Machado, na qualidade de padroeiro de S. Martinho de Carrazedo, deu de arrendamento por um ano ao abade Gil Rodrigues todos os dézimos, primícias, avênças, foros e direitos que à dita igreja pertenciam.

Por escritura feita na Quinta de Castro em 11 de Janeiro de 1575, Branca Afonso desistiu da metade da quinta de Gerás a favor de Francisco Machado que lhe pagou 6\$ mil reis e a juntou à outra metade que já possuía.

Uma carta de partilhas, de 1635, dos bens que ficaram de António Gonçalves da vila de Cadelas onde possuía um casal que pagava de pensão ao Morgado de Castro 8 alq. de pão meado, meio de trigo, quatro almudes de vinho e dois frangos.

Em 1687 os procuradores de Montalegre mandaram notícia do levantamento (revolta) dos foreiros de Sepelos e casais anexos.

Doação de 10\$ mil reis anuais, feita pelo marquês de Montebelo D. Antonio e D. Luíza de M. ca Essa em 1690, ao SS. Sacramento para a sua fábrica na capela de Santa Margarida de Carrazedo.

Certidão do tabalião Caetano Vaz de Cerqueira da vila de Chaves, pela qual os foreiros do lugar de S. Fins confessaram em 1735 reconhecimento de senhorio directo dos foros da Casa de Castro.

Carta missiva de Francisco Rebelo, procurador de D. Isabel Catarina Henriques, na qual dá conhecimento, em 1739, dos temporários procedimentos dos mesmos moradores de S. Fins.

Certidão dos recibos assinados por D. Félix José Machado de Mendonça e outros senhores da Casa de Castro, pela qual consta terem recebido em 1739 a quantia de 22.190\$ 603 reis das rendas do morgado de Castro.

A Casa era directa senhorio, em 1742, de uma bouça pertencente ao prazo do padre Constantino de Mesquita, na freguesia de S. Pedro de Figueiredo e de que estava de posse Vicente da Silva.

Certidão da instituição em 1752 do morgado de Magalhães que fizeram Manuel de Magalhães e Menezes e sua mulher D. Margarida da Silva, senhores da vila da Barca.

Sentença de «Redução» da posse que tomou em 1754 D. Jorge Francisco Machado de Mendonça, por falecimento de Leopoldo Luís de Sousa, da quinta de Romão, quinta da Bomaria, campos de Figueiredo e quinta do Outeiro.

Escritura de arrendamento em 1797 do morgado de Castro

(CONTINUA)